



## OUTROS TEMAS: APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos\*

Mandrágora tem primado pela diversidade de temas, perspectivas religiosas e disciplinares dos artigos publicados. Além do dossiê **Relações de religião e gênero no contexto da pandemia: desafios e sensibilidades de uma conjuntura complexa**, esse número da Mandrágora conta com mais quatro artigos e uma resenha.

No artigo **Amar e mudar as coisas no arco-íris de Euá: Sagrado Não Binário, Epistemologia do A(fé)to e Teologia Queer de Orixá como alternativas à transfobia religiosa**, Du Flor Maranhão apresenta uma perspectiva inovadora e desafiadora para as religiões de matriz africana, ao analisar as características de Euá, uma orixá pouco cultuada e estudada no Brasil. Evoca elementos constitutivos de Euá como: o movimento, a renovação, a transmutação e a revolução, assim como leituras que vão na contramão daquela encontrada na maioria dos terreiros, para questionar ideias biologizantes e transfóbicas que circulam no âmbito de religiões afro-brasileiras. Utiliza-se de conceitos como sagrado não-binário, epistemologia do a(fé)to e teologia queer de orixá para construir e propor alternativas à transfobia religiosa e à cisnorma binária.

A questão do reconhecimento do ministério feminino no âmbito do cristianismo, que ainda hoje constitui um sério desafio para a igreja católica e grande parte das denominações protestantes e evangélicas, constitui tema de dois artigos deste volume. Se a misoginia dominante quer na sociedade mais ampla, quer no campo religioso procuram impedir e obscurecer o protagonismo das mulheres, nem por isso elas se calam ou deixam de encontrar formas de resistência e/ou de buscar sua inserção e reconhecimento.

---

\* Doutora em Ciências da Religião, membro do grupo de pesquisa Mandrágora/NETMAL, do Programa de PPG em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e editora da revista Mandrágora.



É o que demonstra Marcos Felix de Oliveira em seu artigo intitulado Atos de Paulo e Tecla e o reconhecimento da liderança eclesial feminina, ao analisar as relações de gênero, particularmente o ministério eclesial feminino, a partir desse livro não canônico, porém de grande prestígio no contexto do cristianismo primitivo. O autor destaca a determinação e o percurso cheio de coragem de Tecla rumo ao ministério eclesial, expressa tanto na decisão de se autobatizar, diante da negativa do apóstolo Paulo de fazê-lo, quanto no fato de ter enfrentando fisicamente um magistrado sírio que tentou estuprá-la. Desafiando a sua família e poderes seculares e religiosos, que enxergavam no casamento e na submissão ao marido o destino por excelência das mulheres, ela consegue se impor e ter finalmente seu ministério reconhecido pelo governador, por Paulo e pela comunidade.

A tentativa de ocultar e calar as mulheres em sua atuação no contexto do cristianismo é analisada também por Ademilson Tadeu Quirino e José Geraldo de Gouveia no artigo intitulado **A apóstola Maria Madalena: o primado da escuta e do amor**. Os autores destacam o estatuto de Maria Madalena como apóstola, não obstante a tentativa de apagamento do seu protagonismo, inclusive através de uma estratégia de deturpação da sua imagem ao longo da história da Igreja. Os autores postulam que Maria Madalena recebeu uma missão singular, a de anunciar a ressurreição de Jesus aos demais apóstolos, despertando-os da letargia em que se encontravam diante de sua morte, o que a coloca na condição de “apóstola dos apóstolos”.

O último artigo Homossexualidade e homoafetividade no livro Levítico pela ótica do processo relacional de Lília Dias Mariano lança um novo olhar sobre proibição de práticas homogenitais no Primeiro Testamento, indo além da ótica do “patriarcado-quiriarcado-machismo-homofobia” que aprisiona algumas leituras do livro de Levítico 18, 22 e 20, 13. A autora parte do método histórico-social na exegese e da hermenêutica do processo relacional para propor, numa abordagem diacrônica, que tais proibições não se referem às relações homoafetivas contemporâneas. Elas visavam, de acordo com a autora, relações sexuais incestuosas e involuntárias no leito comum familiar e constituíam medidas sanitárias, “de contenção de doenças sexualmente transmissíveis



---

como a sífilis e a gonorreia, e que naquele tempo elas eram classificadas genericamente como lepra”.

Encerra este número a resenha **Gênero, trabalho e trabalhadoras pela ótica do cuidado: fronteiras, desigualdades, significações e identidades**, de Naira Pinheiro dos Santos. Ela apresenta o livro “O Gênero do Cuidado: Desigualdades Significações e Identidades”, de Nadya Araujo Guimarães e Helena Sumiko Hirata, que “tratam de investigar, desde uma perspectiva de gênero e interseccional, as diversas formas que o cuidado toma, analisando as fronteiras que se estabelecem entre trabalho doméstico remunerado, “ajudas” e a profissão de cuidador/a”, assim como as desigualdades, significações e identidades que se tecem em torno do cuidado, em todos os casos trabalho/profissão exercida predominantemente por mulheres. Fica o desafio de integrar o viés religioso nas instigantes análises das autoras.

Boa leitura!